

RETORNO AO PAÍS LETAL/ RETOUR AU PAYS LETAL, DE KETTY STEWARD TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS E TEXTO EM FRANCÊS

Ana Cláudia Romano Ribeiro¹
Claire Silva de Souza²

RESUMO: Se a ficção científica de autoria feminina de língua inglesa conta com nomes que se tornaram referências incontornáveis e já foram traduzidos no Brasil – Mary Shelley, Octavia Butler, Ursula Le Guin, para citar apenas três – as obras de ficção científica escritas por autoras de língua francesa não parecem ser numerosas, nem conhecidas. Dentre as autoras francófonas, uma referência incontornável é Ketty Steward, de origem martiniquense, mas atualmente radicada em Paris. Dela, apresentamos aqui em versão bilíngue *Retorno ao país letal* (*Retour au pays létal*), um “conto de auto-ficção científica”, nas palavras da própria autora, em tradução feita por Claire Silva de Souza, aluna do curso de licenciatura em Letras, habilitação Português-Francês, da Universidade Federal de São Paulo, e sua orientadora, Ana Cláudia Romano Ribeiro. *Retour au pays létal* foi publicado na coletânea *Faites demi-tour dès que possible* pela editora independente francesa La Volte em 2014.

PALAVRAS-CHAVE: Ketty Steward, Ficção científica, Literatura francesa, Literatura francófona, Autoria feminina.

ABSTRACT: If the science fiction written by English-speaking women has names that have become unavoidable references and have already been translated in Brazil - Mary Shelley, Octavia Butler, Ursula Le Guin, to name but three - the works of science fiction written by French-speaking women authors do not seem to be numerous or well-known. Among French-speaking authors, an unavoidable reference is Ketty Steward, originally from Martinique, but currently based in Paris. From her we present here, in bilingual version, *Retorno ao país letal* (*Retour au pays létal*), a “short story of scientific self-fiction”, in the words of the author herself, translated by Claire Silva de Souza, a student of the Language and Literature course (Portuguese-French) at the Federal University of São Paulo, and her supervisor, Ana Cláudia Romano Ribeiro. *Retour au*

¹ Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: acrribeiro@unifesp.br.

² Graduanda do curso de licenciatura em Letras, habilitação Português-Francês, da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: claire.silva@unifesp.br.

pays létal was published in the collection *Faites demi-tour dès que possible* by the independent French publisher La Volte in 2014.

KEYWORDS: Ketty Steward, Science Fiction, French literature, Francophone literature, Female authorship.

Nota introdutória

Ana Cláudia Romano Ribeiro

Se a ficção científica de autoria feminina de língua inglesa conta com nomes que se tornaram referências incontornáveis e já foram traduzidos no Brasil – Mary Shelley, Octavia Butler, Ursula Le Guin, para citar apenas três – as obras de ficção científica escritas por autoras de língua francesa não parecem ser numerosas, nem muito conhecidas, além de pouco traduzidas.³ Dentre as autoras francófonas, uma referência incontornável é Ketty Steward, de origem martiniquense, mas atualmente radicada em Paris. Dela, apresento aqui em versão bilíngue *Retorno ao país letal* (*Retour au pays létal*), um “conto de auto-ficção científica”, nas palavras da própria autora,⁴ em tradução feita em conjunto com minha orientanda Claire Silva de Souza, aluna do curso de licenciatura em Letras, habilitação Português-Francês, da Universidade Federal de São Paulo. *Retour au pays létal* foi publicado na coletânea *Faites demi-tour dès que possible* pela editora independente francesa La Volte em 2014.⁵

Logo no início do conto, o público leitor entende que está lendo um relato de viagem à “ex-Ilha das Flores”, ou seja, à Martinica do futuro, que de tão poluída tornou-se letal. A senhora Steward, personagem homônima da autora, narra em primeira

³ Citemos, por exemplo, as autoras Gilles Thomas (que publicou sob os pseudônimos Éliane Taïeb e Julia Verlanger, nome do prêmio criado após sua morte), Suzanne Malaval, Nathalie Henneberg, Catherine Cliff, Catherine Dufour e Sylvie Denis. Veja-se, também, a título de amostragem, a antologia *Femmes au futur*, apresentada por Marianne Leconte (LECONTE, 1976), e as referências citadas em Winter (2019). Atualmente, Ketty Steward está escrevendo um livro sobre a ficção científica francesa, no qual ela tratará, entre outros temas, da presença feminina, queer e da diversidade étnica, todas elas pouco presentes nas obras de língua francesa do gênero da ficção científica e da fantasy.

⁴ Uma “nouvelle d’auto-fiction-scientifique”, segundo a autora em comunicação pessoal que trocamos por e-mail, datada de 20 de dezembro de 2021.

⁵ As tradutoras agradecem à autora, Ketty Steward, e à editora La Volte, na pessoa de Mathias Echenay, por nos ter autorizado a publicação do conto em versão bilíngue nesta revista. Agradecemos também a Ketty Steward pelos esclarecimentos que nos ajudaram na tradução e na compreensão de *Retour au pays létal* e pelas indicações bibliográficas: Dubois, 2001; Moura, 2006; Ferdinand, 2015; Steward, 2019a; Winter, 2019; o site da associação Stella Incognita, o site nooSFere.org (que agrupa referências bibliográficas na aba “Encyclopédie”), a revista online *Res Futurae* e o canal *DoctriZ*, no youtube, todos eles dedicados à pesquisa sobre ficção científica.

pessoa seu retorno ao país natal. Ela está prestes a completar noventa anos, idade em que o estado obriga as pessoas que querem continuar vivendo (com implantes e tratamentos nanotecnológicos que atenuam os incômodos da velhice) a pagarem uma “taxa de longevidade” cujo valor é altíssimo.

A narração é intercalada por falas de outras personagens e diálogos diretos com o jovem piloto que a conduziu à ilha em um veículo aéreo de dois lugares. Ele insiste em dirigir-se à senhora Steward em inglês, mesmo que ela tenha lhe esclarecido sua origem francófona. Ao longo do conto, como se lerá, as identidades parecem ser colocadas ao mesmo tempo em evidência e em xeque pelo olhar do outro: tanto a da Martinica, marcada pelo duro passado colonial, quanto a da personagem martiniquense, que, como tantos antilhanos, imigrou jovem para a metrópole, e a do piloto, descrito como um jovem “*franchouillard*” (designação pejorativa para o francês franco-centrado).

Humor e ironia, crítica social, autoficção, ecologia, colonialismo, imigração, relação com a tradição literária da ficção científica, dos relatos de viagem, da distopia e com a poesia de língua francesa, especificamente, com *Le cahier d'un retour au pays natal*, de Aimé Césaire, a que alude o título do conto de Steward, são algumas das portas pelas quais se pode entrar neste conto original. Descrevendo o futuro por novos ângulos de observação, *Retour au pays légal* interroga o presente e confirma: a imaginação do devir, que caracteriza a ficção científica, faz dela um “poderoso laboratório de ciências humanas” (STEWART, 2019a, p. 72).

Ketty Steward publicou *Je ne sais pas appartenir* (2006), sua estreia na poesia, *Connexions Interrompues* (2011), contos de ficção-científica, *Noir sur blanc* (2012), romance autobiográfico, *Confessions d'une scéancière* (2018), livro de contos e poemas sobre o universo cultural das Antilhas, indicado ao Prêmio Imaginales de 2019⁶, *Deux saisons en enfer* (2020), livro de poemas indicado ao Prêmio do Manuscrito Francófono de 2020, e *L'Évangile selon Myriam* (2021), ficção-científica. Além disso, contos e novelas suas podem ser lidas em revistas e antologias temáticas; uma delas, *Eugénie grandit* (2019), está disponível para escuta no site da radio France Culture. Em 2017 e 2018, Steward organizou dois números especiais, dedicados à África, da revista francesa de ficção-científica *Galaxies*. Ela participa da revista *Géante Rouge* e da *Université de la Pluralité* (plurality-university.org), rede internacional, interdisciplinar e aberta fundada por Daniel Kaplan, composta por indivíduos e por

⁶ *Confessions d'une scéancière* foi objeto de discussão de duas seções do GELEF (Grupo de Estudos de Literaturas de Expressão Francesa) transmitidas pelo canal do grupo no youtube, uma delas com a presença da própria Ketty Steward: <https://www.youtube.com/channel/UC4WMPalE-QpzLkKnmwKw9Q>.

organizações que se dedicam a colocar em prática dispositivos de imaginação de futuros alternativos. Mais informações podem ser consultadas no site de Ketty Steward: <http://www.ktsteward.net/>⁷.

Retorno ao país letal

Ketty Steward

Tradução de Ana Cláudia Romano Ribeiro
e Claire Silva de Souza

“Hey! Look! Look!”

O jovem piloto parecia tão entusiasmado que desisti de repetir, pela milésima vez, que, apesar do meu nome, eu era francófona. O bastante para compreender o terrível franglês que ele servia a seus clientes.

Fiz uma careta.

Já que, de todo modo, ele tinha interrompido minha leitura, conectei a exibição da minha tela às câmeras externas do avião.

A forma vagamente oblonga da ilha que nós sobrevoávamos não evocava mais nem o turbante de uma antilhana em roupas típicas, nem um *zandoli*⁸, lagarto desaparecido da região. Eu tinha visto mil vezes essas imagens dos novos contornos da minha terra natal. Senti necessidade de olhar pela janela. Não dava para ver melhor, mas pelo menos não era uma foto de satélite ou uma gravação. Nesse momento, somente um vidro espesso me separava da ex-ilha das flores e de sua atmosfera nociva. De repente senti muito calor.

“Miss Steward, it is okay? Do you want more clim?”

— Não, é que este lugar é sufocante. Nenhum ar condicionado vai mudar nada!”

Pouco antes da aterrissagem, percorri mais uma vez a lista de cidades desaparecidas, engolidas pelas águas do mar do Caribe e do oceano Atlântico, assim

⁷ Para mais informações sobre a autora, recomendo a leitura da entrevista que Ketty Steward concedeu ao site justaword.fr (STEWART, 2019).

⁸ Termo em crioulo para nomear espécies de *anolis roquet*, classificado também como *anolis cristatellus*, na Martinica. O lagarto de pequeno porte é endêmico das Antilhas (conforme <http://www.biodiversite-martinique.fr/espece-faune-et-flore/anolis-de-martinique-zandoli>). (Todas as notas da tradução são das tradutoras.)

como a dos novos municípios, rebatizadas para evocar as praias de antigamente. Meu tempo.

Adeus Sainte-Anne, Sainte-Luce, Le François, La Trinité, aterradas Le Diamant e sua rocha legendária, Fort-de-France reduzida a seus cumes, Le Lamentin coberto pelo mangue...

Eu ia ficar desnorçada. Não deslocada no país onde nasci, pois meu país na verdade era outro e estava longe, a oito mil quilômetros.

Sem nostalgia, eu voltava para o lugar da minha infância. Voltava para entender, para constatar o declínio do que foi minha ilha, antes de terminar com a minha própria ruína.

*

O aeroporto de Saint-Joseph, minúsculo, recebia principalmente aviões como o meu, fretados por particulares, assim como transportes de mercadorias.

A maior parte do turismo continua virtual. As pessoas pagavam uma quantia significativa para passar longas horas em um avião e, depois, para poder caminhar pelos cenários com palmeiras e plantas exóticas, tomar banho de mar em águas turquesa com temperatura tropical, beber coquetéis à base de rum, comer *acras*⁹, dançar zouk¹⁰, antes de voltar para o suposto avião que nunca foi mais do que um mero simulador de voo, econômico e seguro.

Assim elas podiam aproveitar as particularidades da ilha, enquanto permaneciam protegidas das emissões tóxicas do solo, do sol muito baixo, dos ciclones fora da temporada e dos ladrões assassinos que faziam reinar o terror sobre todo o departamento¹¹.

Eu resolvi experimentar quando fiz sessenta anos e não achei nada demais, apenas um amontoado de clichês. Coqueiros, areia e flores, e imagens de uma outra época, projetadas em hologramas. Meninas e meninos de cor ofereciam aos clientes serviços mais ou menos dentro da legalidade, ostentando um sorriso permanente nos lábios. Tive até mesmo a desagradável surpresa de ter de suportar a música

⁹ *Acras*, bolinhos fritos à base de peixe, crustáceos ou legumes. Ver receitas aqui: <https://www.supertoinette.com/fiche-cuisine/1022/acras.html>.

¹⁰ Originário de Guadalupe e Martinica, o ritmo criado pelo grupo Kassav' mistura o calipso, estilo musical afro-caribenho, e a makossa, estilo musical originário das regiões urbanas de Camarões. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Zouk>)

¹¹ No original, *département*, circunscrição administrativa do Estado francês (cf. <https://www.insee.fr/fr/metadonnees/definition/c1762> e <https://www.vie-publique.fr/fiches/20146-que-sont-les-departements-et-les-regions-doutre-mer>).

ultrapassada de Francky Vincent e da Compagnie Créole! Um ambiente artificial de clube, resumindo, “*como nos quadros do Aduaneiro Rousseau*”.

Eu precisei de mais trinta anos, alguns implantes de conforto e que o prazo para a escolha da longevidade expirasse até ter coragem de voltar.

Meu veículo de dois lugares alugado pousou sobre uma plataforma móvel que se elevou até uma porta eclusa que dava para uma esteira rolante. Saudei secamente meu piloto e avancei, sem cruzar nenhuma alma viva. Apenas os rolamentos das máquinas e o ronco da respiração da ventilação vinham preencher o vazio e o silêncio.

Tive uma noite mediana de repouso em um quarto climatizado, dentro do próprio aeroporto. Ingurgitei um café da manhã insípido e fui até a recepção onde um guia experiente devia estar me esperando.

Desde que a ilha tinha obtido o status de Departamento Autônomo Associado, era desaconselhado aos estrangeiros aventurarem-se sozinhos por ela.

“Mas eu não sou uma estrangeira! Eu morei aqui, eu cresci aqui.

- Isso mudou muito, sabe? E, sem querer ofender, pessoas da idade da senhora não costumam andar pelas ruas aqui não.”

O agente de viagem me examinou e, depois de ter verificado que nós estávamos a sós: “E além do mais, a senhora é mulher!”

Salientar as características de gênero e de aparência de um interlocutor podia custar caro, uma multa substancial, mas eu sabia que eu era um espetáculo surpreendente para os meus colegas.

Baixa e um pouco gordinha para os padrões atuais, eu tinha me recusado a alongar as pernas. Mesmo podendo recorrer, como todo mundo, a diferentes procedimentos de nanocirurgia estética, fiz questão de manter algumas rugas de expressão: os pés de galinhas nos cantos dos olhos e as linhas de expressão da testa, entre as minhas sobrancelhas grossas. Enfim, embora vivesse em Paris, eu tinha conservado uma pele parda. Eu achava absurdo ter que escolher entre um bronzeamento definitivo para reivindicar minha *Negrice*¹² e um clareamento para me proteger dos extremistas da *Francesice*.

Meu dinheiro, ganho honestamente, freuro¹³ por freuro, era minha melhor proteção.

Não nas Antilhas!

¹² Tradução de *Noircitude* que, assim como *Franchitude*/ “Francesice”, têm uma conotação irônica que coloca em evidência a superficialidade da definição de uma pessoa a partir de apenas um de seus traços (cf. comunicação com a autora realizada por email em 14 de janeiro de 2022).

¹³ No original *freuro*, moeda do futuro.

32 Criação & Crítica

Então aceitei a escolta.

“Hey! What surprise! But it is you!”

Oh! Não! O piloto mais francês que um francês¹⁴!

“I am a guide, also, you know! Call me Jeff, same if my real name is Jean-François!”

Respirei. Esse rapaz me irritava, definitivamente. No entanto, eu devia reconhecer que ele tinha me conduzido até aqui sã e salva, apesar das turbulências atmosféricas. Era um excelente piloto.

Já que eu ia ter que aguentá-lo ainda por vários dias, valia a pena, no fim das contas, colocar os pingos nos is e cortar os ts.

“Eu falo francês, Jean-François, como você, desde sempre, e vou fazer noventa anos daqui a quatro dias. Durante toda a minha vida adulta trabalhei na região parisiense. Nasci aqui, na Martinica. Se você me tratar novamente como uma turista americana eu vou colocar no sistema uma nota bem ruim para você! Fui clara?”

Ele balançou a cabeça, nervoso, sem que eu soubesse o que tinha sido mais assustador: minha ameaça ou a revelação das minhas origens. A menos que ele tenha tido piedade da minha velhice.

“Imagino que a senhora tenha vindo procurar vestígios do seu passado.

- Eu não ligo nem um pouco para os objetos. Quero ver o desastre com meus olhos. Quero contemplar o fim da ilha antes que chegue a minha vez de ir embora.”

Como ninguém deveria ignorar a lei, ele sabia o que me esperava a menos de uma semana do meu limite de longevidade autorizada.

A Participação Obrigatória na Manutenção¹⁵ para as pessoas idosas, chamada de taxa “Pague Ou Morra” pelos mais lúcidos, alcançava, aos noventa anos, montantes francamente dissuasivos. Somente as personalidades reconhecidas como indispensáveis, como os pesquisadores eminentes e os políticos influentes, obtinham um adiamento, de dez anos, no máximo. Dentre os mais ricos, os que ainda conseguiam encontrar razões para viver pagavam a POM, desde que seus infelizes herdeiros permitissem. Todos os outros aceitavam se desfazer de seus implantes, renunciar aos nanocuidados e terminar seus dias em uma casa de repouso moderna – dizíamos “casa de paz”.

Jeff me apresentou diferentes circuitos.

¹⁴ No original: *franchouillard*, “Familiar e pejorativo, aquele que apresenta defeitos tradicionalmente atribuídos ao francês médio.” (Cf. o verbete *Franchouillard* do dicionário Larousse).

¹⁵ Tentamos manter em português o jogo com a sigla do original, POC, que serve para *Participation Obligatoire aux Charges* e para *Paie Ou Crève*.

Combinamos um percurso que se concluiria em três dias, de forma que eu conseguisse as vinte e quatro horas de descontaminação obrigatória antes do retorno para a Europa.

A zona protegida estendia-se até quinhentos metros em torno do aeroporto. Fora dela, era preciso tomar alguns cuidados.

“Óculos polarizados, máscaras de oxigênio, creme anti-uv, pílulas anticlordecona,¹⁶ uniforme refrigerado.”

Jeff me entregou meu equipamento. Graças à minha pele negra, não precisaria de mais nada.

Eu me recusei a levar armas. No entanto, estava segura com o equipamento de guerra do meu acompanhante, que anunciou:

“Nós circularemos em uma Sol’hari 4x4, uma Méhari solar. A senhora *really* tem certeza de querer se aventurar pelas ruas?”

Eu me limitei a acenar com a cabeça. Não tinha feito essa viagem para ficar confinada dentro do aeroporto!

Entramos na 4x4, na verdade um minitank, e seguimos em direção às planícies da Rivière Salée. Do rio, sequer um vestígio e nenhum humano, nenhum carro, nenhum mangusto. “Os veículos de transportes de mercadorias circulam *by night*, por decreto policial. Quanto aos veículos pessoais, já não se veem muitos, mas é a mesma coisa na metrópole.”

“Metrópole”! Essa palavra me trouxe à lembrança os verões menos preguiçosos da minha infância nas encostas da montanha do Vauclin. Os tios e tias da “metrópole” desembarcavam com suas bagagens impregnadas do perfume sintético dos aviões e dos aeroportos. Eles traziam presentes “de lá”, quinquilharias baratas encontradas na Foir’fouille ou na Gifi, que para nós pareciam tesouros. Eles queriam ver tudo, fazer tudo e, durante as semanas de suas férias remuneradas, eles nos ofereciam uma visão turística e viva dos lugares que nós frequentávamos, passivos, habitualmente.

Jeff fazia esforços, tão dolorosos quanto ineficazes, para evitar os anglicismos e acolhia com gratidão os momentos de recolhimento nos quais eu mergulhava de peito aberto no passado e na minha fúria profunda.

¹⁶ No original, “*déchlordecone*”: espécie de remédio fictício que inibe e protege dos efeitos da exposição à clordecona, substância extremamente tóxica usada como pesticida nas plantações de banana na Martinica. (Ver reportagem sobre a clordecona em: <https://www.france24.com/es/20181210-en-foco-clordecona-martinica-francia>.)

32 Criação & Crítica

Quando eu nasci, a Martinica abrigava, em geral, uma população de mentalidade atrasada. É a essa mentalidade que devo os tapas dados pela minha mãe e pela minha avó, por prazer, os olhares e os gestos libidinosos dos homens alcoólatras do meu meio, protegidos pela imobilidade dócil das mulheres, sem trabalho, sem futuro.

Eu tinha ido embora, tinha encontrado coragem para estudar, ser bem-sucedida, batalhar e me expressar. Tinha cuidado das minhas feridas mais extensas, mas guardava um rancor tenaz contra os descendentes de escravos que passavam de dono em dono, sem nunca ousar a liberdade.

O ar quente e pesado fervia a minha cólera e fazia jorrar em golfadas minhas lembranças intactas. Durante esse tempo, a Sol'hari rodava em ziguezague, seguindo os trechos menos destruídos do asfalto antigo da estrada. O sol atingia a carroceria com uma força que só aumentava com a proximidade do meio-dia.

Imensos hangares com muros verdejantes se espalhavam ao longo das estradas. Pensei imediatamente nas plantações de banana que representavam a principal riqueza da ilha quando eu era criança. Naquela época, sob os telhados ondulados de zinco, reinava uma grande agitação, aparentemente anárquica. Homens, robustos, transportavam nas costas pencas de banana de onde escorria a seiva que manchava de marrom suas roupas.

Em suas roupas mais coloridas, as mulheres recebiam a oferenda em um tanque de água onde, com as mãos imersas, em um movimento incessante, arrancavam as frutas fora do padrão ou muito estragadas pelos pássaros.

Algazarravam alegremente enquanto o veneno do século, o insidioso pesticida organoclorado, ia contaminando todas elas pelo contato direto. Impossível escapar. Era despejado por aviões. Matava pouco a pouco. Era preciso que a ilha continuasse competitiva na produção de bananas.

Os hangares no nosso caminho não emitiam nenhum som.

Era cedo demais? Interroguei o guia-piloto.

“ Bananas?

— Não. Faz muito tempo que as bananas não são mais cultivadas aqui. Os caixotes transitam apenas no aeroporto, para a etiquetagem, só isso. São usinas.

— De rum, então?

— O rum não é mais produzido aqui. Não tem mais cana de açúcar. *You see*, quase nenhuma fruta ou legume ainda é oficialmente comestível desde o envenenamento por clordecona. Esse agrotóxico está em todos os lugares e vai continuar por vários séculos; nas nascentes de água, no solo, no mar. Só os moradores se arriscam a comer inhame ou abacaxis! *All is dead!*

32 Criação & Crítica

- E essas usinas?

- Fabricam souvenirs “artesanais” para a indústria turística, preparações tradicionais a partir de produtos vindos da Ásia ou da América do Sul, etiquetas para o rum, para as bananas...”

A atmosfera, já pesada, me pareceu ainda mais sufocante. Ajustei as configurações da minha máscara respiratória e repeti para mim mesma o resumo lido muitas vezes na internet e que, enfim, eu compreendia:

“Todos trabalham para o turismo, sem ver mais nenhum turista. Essa é uma das causas da violência.”

Sorriso. Os empregados não tinham sempre desejado a morte de seus empregadores, enquanto continuavam a alimentá-los?

À tarde, quis rever os lugares onde tinha vivido. A casa do meu pai, sobre as montanhas do Feu-Sainte-Luce, não tinha sido coberta com o avanço das águas. Tive, no entanto, a maior dificuldade para encontrá-la. Antigamente, era preciso caminhar uns quarenta e cinco minutos para chegar no mar que, agora, se encontrava no máximo a quatrocentos metros. A árvore-do-viajante, símbolo de boas-vindas plantado ali pela minha família, ainda se erguia, majestosa, a dois passos da velha mangueira. A árvore frutífera, porém, estava cercada por uma grade decorada com uma placa sinistra: “Impróprio para o consumo”.

Da casa, propriamente falando, não sobrou nada, abandonada há muito tempo.

“Um hotel?”

- Por pouco. Depois da subida da maré, eles tentaram reconstruir os complexos hoteleiros mais adiante. Isso não deu em nada. A ilha tornou-se extremamente perigosa. Aquele se chamava *Trois-Rivières*.

- Como o rum.

- Yes, *madam!* Além disso, havia o *Galion*, *Saint James*, *Dillon*...

- Se existir um hotel *Clément*, estaremos lá amanhã de manhã, perto do bairro da minha avó.

- Ah! Não! De modo algum. Essa região voltou a ser selvagem. A senhora verá!”

Nós andamos um pouco à beira-mar. O litoral, abandonado, contrastava com os postais do passado. A mudança climática tinha dado início a uma nova era de desconfiança para com a natureza indomável e imprevisível.

Percebi, na água de um azul hipnotizante, duas cabeças que flutuavam ao longe.

“São santa-lucenses, sem dúvida, comentou meu guia, os últimos que ousaram nadar aqui. Eles continuam vindo da ilha vizinha em canoas, forçados pela

miséria, mas não têm direito de trabalhar no Departamento Autônomo Associado. Eles não têm nada a perder.”

A alguma distância erguiam-se barracões verdes e enferrujados. Suspirei.

“Mais usinas?”

- Não. Estúdios. É aqui que nasceu a ideia. Eles filmam as cenas holográficas da *vida de todos os dias* para os turistas virtuais. O único elemento autêntico é o barulho do mar.”

De repente, foi demais para mim.

Um cansaço imenso recaiu sobre os meus ombros. O que é que eu tinha vindo procurar aqui?

Varri a praia com o olhar, incapaz de encontrar um alvo para minha sede de vingança.

Miséria, destruição, desolação...

Apoiei-me em um corrimão roído pela ferrugem, de onde eu olhava o movimento ondulado da água que ia, voltava e desfazia minhas próprias imagens marinhas.

A travessia de uma ilha a outra em aerobarco; dias inteiros a nadar na água salgada. Os passeios de pedalinho, o estrondo do oceano em pleno olho do furacão.

Minhas lembranças afloravam e depois, em silêncio, se afastavam, como quem já cumpriu sua missão. Fiquei ali, por muito tempo, imóvel.

As lágrimas que deveriam escorrer pelas minhas bochechas para acompanhar o instante estavam secas há décadas. Já era tempo de retornar ao hotel.

No dia seguinte, afetada a contragosto pelo estado do país, tomada por uma inesperada compaixão e incapaz de me ater aos meus rancores antigos, decidi encurtar minha estadia. Anulei as visitas à cidade de Fond-Saint-Denis e às novas ruínas do Monte Pelée. Eu tinha lido o suficiente sobre o cotidiano dos martinicanos. Eu podia imaginar a vida das mulheres trancafiadas porque eram agora mais numerosas que os homens, dizimados pelo envenenamento; e esses machos, aterrorizados pela ideia de que suas filhas pudessem se organizar e exigir direitos concretos. Podia imaginar o mofo cultural e a pobreza dessa gente, oprimida demais para se revoltar. A desesperança mostrava o mesmo rosto no mundo inteiro, aonde quer que se vá, e eu não me sentia uma alma *voyeuse*. Expliquei para o Jeff.

“OK! *But...*”

- Você será pago pelos três dias, claro.”

O sorriso dele me encorajou a fazer uma segunda pergunta.

“Preciso organizar minhas ideias e pôr em ordem alguns detalhes. Podemos

organizar uma visita no fim do dia?

- À noite? É *impossible!*

- Assim, amanhã eu já poderia começar a descontaminação.

Com uma expressão contrariada no rosto, ele enunciou a lista dos contratemplos que preferia evitar.

Então, mostrei para ele, no mapa, o lugar aonde eu queria chegar. Vencido, ele assentiu com a cabeça, lentamente.

“Ok! Entendo, *Miss*. Nos encontramos às dezessete e trinta.”

“*Here we go!*”

O céu hesitava entre diferentes tons: uma parte cinza-rosado, uma outra salmão e a última, uma mistura de nuvens que desfiavam feito algodão, deixando aparecer um teto já escuro e a silhueta luminosa da lua cheia.

Eu teria apreciado a distração da conversa superficial do meu guia, até em *enrolation*.¹⁷ Ele manteve, entretanto, uma atitude silenciosa, por respeito às minhas intenções.

O índice de poluição, excepcionalmente baixo, me permitia usar uma máscara leve que filtrava os odores do local, exacerbados, a meu ver, pelo início da escuridão. Procurei, em vão, traços do perfume da ilha que eu havia deixado há mais de setenta anos: uma mistura de sabores açucarados das árvores frutíferas com sabores marinhos e amargos, do oceano, nunca muito distante; tudo sobre um fundo tênue de exalações de cana queimada.

O ar, úmido e pesado, se limitava a transportar o aroma das pedras quentes e do metal enferrujado.

A Sol'hari que avançava, também silenciosa, cruzou dois caminhões de mercadorias antes de chegar ao destino.

“A partir daqui a gente tem que ir a pé. Tudo bem?”

Desci do veículo com uma lanterna na mão. A noite já estava escura como um breu. A vegetação, mais densa ao longo da trilha que tomamos, farfalhava baixinho ao sabor dos ventos alísios. Muitas outras pessoas tinham seguido esse mesmo caminho, agora liso, quase deslizante.

A esplanada enfim estendeu-se sob nossos olhos com, no alto, um arco em mogno onde estava gravada a inscrição:

“Cemitério departamental”.

¹⁷ “Até em *enrolation*” é uma versão para *même en yaourt*, que se refere à ação de falar mal inglês ou um inglês “enrolado” (ver <https://www.yoplait.fr/2012/07/19/savez-vous-parler-le-yaourt/>; <https://www.italki.com/post/question-407968>).

32 Criação & Crítica

O lugar era novo para mim, pois os diferentes enterros em que tive de acompanhar minha avó para ocupar minhas quartas-feiras à tarde tinham acontecido nos cemitérios municipais e a maioria deles já estava submersa há muito tempo.

Jeff me deixou passar na frente.

“É mais ou menos por ordem alfabética, a partir dos nomes conhecidos no momento da construção.”

Eu fui para o que devia ser o fim do alfabeto e, com a ajuda da lanterna, procurei a tumba do meu pai. Uma bela pedra de mármore cinza, recentemente decorada com flores, tinha o sobrenome dele, os nomes e a menção: “A Comunidade da Igreja do Remanescente, eternamente grata.”

Bem ao lado, mais modesta, ficava a lápide da sua segunda esposa bem como a do filho amado, o primeiro que tiveram juntos. Talvez o segundo estivesse vivo em algum lugar.

Um pouco mais longe, reconheci o rosto da minha tia na foto descolorida que ornava seu túmulo. Seus dois filhos a acompanhavam.

Dos meus irmãos, nenhum vestígio. Deviam estar do lado materno. Hesitei. Que nome teria ficado? O da minha avó? O nome de solteira da minha mãe? Optei por essa ideia.

Bingo!

Jeff me seguia sempre, três passos atrás de mim, inspecionando os arredores com sua lanterna inquieta.

Iluminei o túmulo do irmão mais novo da minha mãe, depois apareceu o dela. Eu tinha sido avisada da morte de Marlene tarde demais para lhe servir o discurso azedo há tempos preparado.

Ao lado de sua pedra, a de seu filho mais velho. Sem dúvida ela terminou por esgotá-lo com suas incessantes demandas. A menos que ele tenha morrido de câncer de próstata, como a maioria dos homens da ilha.

Perto dele, meu outro irmão, provavelmente infeliz de encarar o além tão longe de sua mamãe. E ele? Do que teria morrido? De tédio, certamente!

À esquerda de Marlene se escondia a pedra que eu queria ver, esperando que ela não estivesse ali. Tive de limpar a camada de poeira que a cobria para decifrar: “Ketty Steward [1976-1996]”.

Dei uma gargalhada.

Jeff não estava acreditando: “Putá merda!”

O feixe trêmulo da lanterna dele examinou as sombras e me revelou o rosto emporcalhado de uma garotinha que nos observava.

Eu não ria mais, espantada.

32 Criação & Crítica

“Que menininha horrível!”

Ela logo fugiu.

Jeff não tinha visto nada.

Baixei o olhar até a inscrição gravada.

Então eu estava morta para eles! Já e há tantos anos!

Quem, então, apodrecia sob essa pedra?

Num estremeamento, senti o vazio entre minhas costelas e o peso da terra gelada contra meus ossos. Naquele momento, tive a certeza: Era eu mesma, ali embaixo.

“Não tenho mais nada para fazer aqui. Tenho a vida diante de mim. *Let's go, Jeff!*

— *Yes! Madam!*”

Retour au pays légal

Ketty Steward

“Hey! Look! Look!”

Le jeune pilote semblait si enthousiaste que je renonçai à lui répéter, pour la énième fois, que, malgré mon nom, j'étais francophone. Assez pour comprendre l'ignoble franglais qu'il servait à ses clients.

Je grimaçai.

Puisque, de toute façon, il avait interrompu ma lecture, je branchai l'affichage de mon écran sur les caméras extérieures de l'avion.

La forme vaguement oblongue de l'île que nous survolions n'évoquait plus ni la tête-marrée d'une Antillaise en costume, ni un zandoli, lézard disparu de la région. J'avais vu cent fois cette image des nouveaux contours de ma terre natale. J'éprouvai le besoin de me pencher vers le hublot. Je ne voyais pas mieux, mais il ne s'agissait plus d'une photo satellite ou d'un enregistrement. Seule une vitre épaisse me séparait désormais de l'ex-île aux fleurs et de son atmosphère délétère. J'eus immédiatement trop chaud.

“Miss Steward, it is okay? Do you want more clim?”

- L'endroit est étouffant, c'est tout. Aucune clim n'y changera rien!”

Juste avant l'atterrissage, je parcourus une fois de plus la liste des villes disparues, englouties sous les eaux de la mer Caraïbe et de l'océan Atlantique, ainsi que celle des nouvelles communes, rebaptisées pour évoquer les plages de l'ancien temps. Mon temps.

Adieu Sainte-Anne, Sainte-Luce, Le François, La Trinité, enfouis Le Diamant et son rocher de légende, Fort-de-France réduite à ses hauteurs, Le Lamentin recouvert par la mangrove...

J'allais être déboussolée. Pas dépaycée, car mon pays était ailleurs, loin, à huit mille kilomètres.

Je revenais, sans nostalgie, vers le lieu de mon enfance. Je revenais pour me rendre compte, pour constater le déclin de ce qui fut mon île, avant d'en terminer avec mon propre délabrement.

*

L'aéroport de Saint-Joseph, minuscule, accueillait essentiellement des avions comme le mien, affrétés par des particuliers, ainsi que des transports de marchandises.

Le plus gros du tourisme restait virtuel. On payait une somme importante pour passer de longues heures dans un avion et pouvoir ensuite se promener dans les décors de palmiers et de plantes exotiques, se baigner dans les mers aux eaux turquoise à température tropicale, boire des cocktails à base de rhum, manger des acras, danser le zouk, avant de reprendre place dans le prétendu avion qui n'avait jamais été qu'un simulateur de vol, économique et sans danger.

On pouvait ainsi profiter des particularités de l'île, tout en restant à l'abri des émanations toxiques du sol, du soleil trop bas, des cyclones hors saison et des détrousseurs-égorgeurs qui faisaient régner la terreur sur l'ensemble du département.

J'avais tenté l'expérience pour mes soixante ans, sans y trouver mieux qu'un ramassis de clichés. Cocotiers, sable et fleurs, et des images d'une autre époque, projetées en hologrammes. Des filles et des garçons de couleur proposaient aux clients des services plus ou moins légaux, sourire indéfrisable aux lèvres. J'avais même eu la désagréable surprise de subir la musique périmée de Francky Vincent et de la Compagnie Créole! Une ambiance de club artificielle, en somme, "*comme dans les tableaux du Douanier Rousseau*".

Il m'avait fallu trente ans de plus, quelques implants de confort et l'échéance du choix de longévité pour oser le voyage retour.

Mon biplace de location se posa sur une plate-forme mobile qui s'éleva jusqu'à un sas, débouchant sur un tapis roulant. Je saluai mon pilote sans chaleur et avançai, sans croiser âme qui vive. Seuls les roulements des machines et la respiration ronflante de la soufflerie venaient meubler le vide et le silence.

Je passai une nuit moyennement reposante dans une chambre climatisée, à l'intérieur même de l'aéroport. J'ingurgitai un petit déjeuner insipide et me rendis à l'accueil où devait m'attendre un guide expérimenté.

Depuis l'obtention par l'île du statut de Département Autonome Associé, on déconseillait aux étrangers de s'y aventurer seuls.

"Mais je ne suis pas une étrangère ! J'ai vécu ici, j'y ai grandi.

- Ça a bien changé, vous savez. Et, sans vouloir vous offenser, les personnes de votre âge ne courent pas les rues, là-bas."

L'agent de voyage m'avait dévisagée et, après avoir vérifié que nous étions

seuls, avait ajouté : “En plus, vous êtes une femme!”

Souligner les caractéristiques de genre et d'apparence d'un interlocuteur pouvait coûter une amende conséquente, mais je savais quel spectacle étonnant j'offrais à mes semblables.

Petite et un peu ronde au regard des standards actuels, j'avais refusé de me faire étirer les jambes. Si j'avais eu recours, comme tout le monde, à différents soins de nanochirurgie esthétique, j'avais tenu à garder quelques rides d'expression: les pattes d'oies aux commissures des yeux et les rides du lion entre mes sourcils épais. Enfin, bien que vivant à Paris, j'avais gardé une peau métissée. Je trouvais absurde de devoir choisir entre un bronzage définitif pour revendiquer ma Noircitude et un blanchissement en guise de protection contre les extrémistes de la Franchitude.

Mon argent, gagné honnêtement, freuro par freuro, constituait ma meilleure protection.

Pas aux Antilles!

Alors j'avais accepté l'escorte.

“Hey ! What surprice! But it is you!”

Oh! Non! Le pilote franchouillard!

“I am a guide, also, you know! Call me Jeff, same if my real name is Jean-François!”

Je soufflai. Ce garçon m'agaçait, décidément. Pourtant, je devais reconnaître qu'il m'avait conduite jusque-là, saine et sauve, malgré les turbulences atmosphériques. C'était un excellent pilote.

Puisque j'allais devoir le supporter encore pendant plusieurs jours, autant mettre définitivement les points aux i et les barres aux t.

“Je parle français, Jean-François, comme vous, depuis toujours et j'ai quatre-vingt-dix ans dans quatre jours. J'ai travaillé toute ma vie d'adulte en région parisienne. Je suis née ici, en Martinique. Vous recommencez à me traiter en touriste américaine et je vous colle une sale note sur le réseau! Est-ce clair?”

Il hocha la tête, nerveux, sans que je sache ce qui, de ma menace ou de la révélation de mes origines, l'avait le plus effrayé. À moins qu'il n'ait eu pitié de ma vieillesse.

“J'imagine que vous venez chercher des vestiges de votre passé.

- Je me fiche pas mal des objets. Je veux voir le désastre de mes yeux. Je veux contempler la fin de l'île avant de m'éteindre à mon tour.”

Nul n'étant censé ignorer la loi, il savait ce qui m'attendait, à moins d'une semaine de la limite de longévité autorisée.

32 Criação & Crítica

La Participation Obligatoire aux Charges pour les personnes âgées, appelée taxe “Paie Ou Crève” par les plus lucides, atteignait, à quatre-vingt-dix ans, des montants franchement dissuasifs. Seules les personnalités reconnues indispensables comme les chercheurs éminents et les politiques influents obtenaient un sursis, de dix ans, maximum. Ceux des plus riches qui parvenaient encore à trouver des raisons de vivre payaient la POC, tant que le permettaient leurs malheureux héritiers. Tous les autres acceptaient de se défaire de leurs implants, de renoncer aux nanosoins et d’aller finir leurs jours dans un mouvoir moderne – on disait “maison de paix”.

Jeff me présenta différents circuits.

Nous nous entendîmes sur un parcours à boucler en trois jours, en sorte de me ménager les vingt-quatre heures de décontamination obligatoires avant le retour en Europe.

La zone sécurisée s’étendait sur cinq cents mètres autour de l’aéroport. Au-delà, il fallait prévoir des protections.

“Lunettes polarisées, masque à oxygène, crème anti-uv, pilules déchlordécone, combinaison réfrigérée”.

Jeff me remit mon équipement. Grâce à ma peau noire, il ne m’en faudrait pas plus.

J’avais refusé de m’armer. Cependant, j’étais rassurée par l’attirail de guerre de mon accompagnateur qui annonça:

“Nous circulerons en Sol’hari 4x4, une Méhari solaire. Vous êtes *really* bien sûre de vouloir vous aventurer dans les rues?”

Je me contentai d’un signe de tête. Je n’avais pas entrepris ce voyage pour me laisser enfermer dans l’aéroport!

Nous embarquâmes dans le 4x4, un mini-tank en réalité, direction, les plaines de la Rivière Salée. De rivière, aucune trace et pas un humain, pas une voiture, pas une mangouste. “Les véhicules de transport de marchandises circulent *by night*, par arrêté de police. Quant aux voitures personnelles, on n’en voit plus guère, mais c’est pareil qu’en métropole”.

“Métropole!” Le mot seul m’évoqua les étés les moins paresseux de mon enfance sur les flancs de la montagne du Vaudlin. Les oncles et tantes de “métropole” débarquaient avec leurs bagages imprégnés du parfum synthétique des avions et des aéroports. Ils apportaient des cadeaux “de là-bas”, des babioles bon marché trouvées à la Foir’fouille ou chez Gifi, qui nous paraissaient des trésors. Ils voulaient tout voir,

32 Criação & Crítica

tout faire et nous offraient durant les semaines de leurs congés bonifiés, une approche touristique et vivante des lieux que nous hantions, passifs, habituellement.

Jeff s'imposait des efforts, aussi douloureux qu'inefficaces, pour éviter les anglicismes et accueillait avec reconnaissance les moments de recueillement où je plongeais sans retenue dans le passé et dans ma fureur rentrée.

La Martinique, quand j'y étais née, abritait, pour l'essentiel, une population à la mentalité arriérée. C'est à cette mentalité que j'avais dû les coups assenés par ma mère et ma grand-mère, pour le plaisir, les regards et les gestes libidineux des hommes alcooliques de mon entourage protégés par l'immobilité docile des femmes, sans métier, sans avenir.

J'étais partie, j'avais trouvé le courage d'entreprendre des études, de réussir, de me battre et de m'exprimer. J'avais pansé mes blessures les plus étendues mais je gardais une rancune tenace contre ces descendants d'esclaves qui passaient de maître en maître, sans jamais oser la liberté.

La touffeur de l'air ambiant faisait bouillonner ma colère et jaillir en gerbes mes souvenirs intacts. Pendant ce temps, la Sol'hari roulait en zigzag, suivant les portions praticables de la route en antique goudron. Le soleil tapait sur la carrosserie avec une force accrue à l'approche de midi.

Le long des routes s'étalaient d'immenses hangars aux murs verdâtres. Je pensai immédiatement aux plantations de bananes qui représentaient, quand j'étais enfant, la richesse principale de l'île. Il régnait alors, sous les abris de tôle ondulée, une grande agitation, anarchique en apparence. Des hommes, robustes, transportaient à même le dos des régimes d'où suintait la sève qui tachait de brun leurs vêtements.

Dans leurs habits plus colorés, les femmes recevaient l'offrande dans un bac d'eau où, les mains trempées, sans cesse en mouvement, elles arrachaient les fruits hors calibre ou trop abîmés par les oiseaux.

Ça piaillait joyeusement, tandis que le poison du siècle, l'insidieux insecticide organochloré, les contaminait tous par contact direct. Impossible d'y échapper. On le déversait par avion. On les tuait petit à petit. Il fallait bien que l'île reste compétitive pour la production bananière.

Les hangars sur notre passage ne livraient, eux, aucun son.

Était-ce trop tôt? J'interrogeai le guide-pilote.

“Bananes?”

- Non. Les bananes ne sont plus cultivées ici, depuis longtemps. Les cartons transitent seulement à l'aéroport pour l'étiquetage, mais c'est tout. Ça, ce sont les usines.

32 Criação & Crítica

- De rhum, alors?

- Le rhum non plus n'est plus produit ici. Plus de canne à sucre. *You see*, presque plus aucun fruit ou légume n'est officiellement comestible depuis l'empoisonnement au chlordécone. Le pesticide est partout, pour plusieurs centaines d'années encore; l'eau de source, le sol, la mer. Y a plus que les locaux pour oser manger de l'igname ou des ananas! *All is dead!*

- Alors, ces usines?

- Elles fabriquent des souvenirs dits artisanaux pour l'industrie touristique, des préparations traditionnelles à partir de produits venus d'Asie ou de Sudamérique, des étiquettes pour le rhum, pour les bananes..."

L'atmosphère, déjà pesante, me sembla plus étouffante encore. J'ajustai les réglages de mon masque respiratoire et me répétais ce résumé, lu plusieurs fois sur les Internets et que je comprenais enfin :

"Tout le monde travaille pour le tourisme, sans plus voir un seul touriste. C'est une des causes de la violence."

Je souris. Les domestiques n'avaient-ils pas toujours souhaité la mort de leurs employeurs, tout en continuant à les nourrir?

L'après-midi, j'avais souhaité revoir les lieux où j'avais vécu. La maison de mon père, sur les hauteurs de Feu-Sainte-Luce, n'avait pas dû être couverte par la montée des eaux. J'eus, cependant, le plus grand mal à la retrouver. Il me fallait, jadis, marcher trois bons quarts d'heure pour atteindre la mer qui, désormais, se trouvait à quatre cents mètres à peine. L'arbre du voyageur, signe de bienvenue planté là par ma famille, se dressait encore, majestueux, à deux pas du vieux manguier. L'arbre fruitier cependant s'entourait d'un grillage, orné d'un panneau sinistre : "Impropres à la consommation".

De la maison, à proprement parler, il ne restait rien. Un immeuble l'avait remplacée, abandonnée depuis longtemps.

"Un hôtel?"

- Tout juste. Après la grosse marée, ils ont tenté de reconstruire plus loin les complexes hôteliers. Ça n'a rien donné. L'île était devenue trop dangereuse. Celui-là s'appelait le *Trois-Rivières*.

- Comme le rhum.

- *Yes, madam!* Ailleurs, il y avait le *Galion*, *Saint James*, *Dillon*...

- S'il existe un hôtel *Clément*, nous y serons demain matin, près du quartier de ma grand-mère.

- Ah! Non! Pas du tout. Cette région-là est redevenue sauvage. Vous verrez!"

Nous marchâmes un peu au bord de la mer. Le littoral, jamais plus entretenu, jurait avec les cartes postales d'antan. Le dérèglement climatique avait ouvert une nouvelle ère de méfiance envers la nature indomptable et imprévisible.

J'aperçus, dans l'eau d'un bleu hypnotisant, deux têtes qui flottaient au loin.

“Des Sainte-luciens, sans doute, commenta mon guide, les derniers à oser nager ici. Ils continuent à venir en canot de l'île voisine, poussés par la misère, mais n'ont pas le droit de travailler dans le Département Autonome Associé. Ils n'ont rien à perdre.”

À quelque distance se dressaient des baraquements vert et rouille. Je soupirai.

“Encore des usines?”

- Non. Des studios. C'est ici qu'est née l'idée. Ils filment les scènes holos de *vie de tous les jours* pour les touristes virtuels. Le bruit de la mer y est peut-être le seul élément authentique.”

Soudain, ce fut trop pour moi.

Une fatigue immense s'abattit sur mes épaules. Qu'étais-je venue chercher ici ?

Je balayai la plage du regard, incapable d'y trouver une cible pour ma soif de vengeance.

Misère, destruction, désolation...

Je m'appuyai contre une rambarde rongée par la rouille, d'où je regardai la houle qui s'en allait, revenait et laissait s'égrener mes propres images marines.

La traversée d'une île à l'autre en hydroglisseur; les journées entières passées à nager dans l'eau salée. Les tours de pédalo, les grondements de l'océan en plein œil du cyclone.

Mes souvenirs se rejouaient puis, sans un bruit, s'éloignaient, comme ayant accompli leur mission. Je me tins là, longtemps, immobile.

Les larmes qui auraient dû couler le long de mes joues pour accompagner l'instant étaient taries depuis des décennies. Il était grand temps de rentrer à l'hôtel.

Le lendemain, affectée malgré moi par l'état du pays, prise d'une compassion inattendue et incapable de me raccrocher à mes rancœurs d'autrefois, je décidai d'abréger mon séjour. J'annulai la visite de la ville de Fond-Saint-Denis et celle des ruines nouvelles de la Montagne Pelée. J'avais suffisamment lu sur le quotidien des Martiniquais. Je pouvais me figurer la vie des femmes mises sous clé parce que

désormais plus nombreuses que les hommes, décimés par l’empoisonnement; et ces machos, terrorisés à l’idée que leurs filles puissent s’organiser et exiger des droits concrets. J’imaginai sans peine la moisissure culturelle et la pauvreté de ces gens, trop accablés pour se révolter. Le désespoir affichait le même visage dans le monde entier, où qu’on aille et je ne me sentais pas l’âme d’une voyageuse. Je m’en expliquai à Jeff.

“OK! *But...*”

- Vous serez payé pour les trois jours, évidemment.”

Son sourire m’encouragea à lui soumettre ma seconde demande.

“J’ai besoin de mettre de l’ordre dans mes idées et de régler quelques détails.

Pouvons-nous envisager une visite en fin de journée?

- De nuit? C’est *impossible!*

- Comme ça, je pourrais passer à la décontamination dès demain.”

Une moue contrariée sur le visage, il m’énonça la liste des mésaventures qu’il préférerait éviter.

Alors, je lui montrai sur la carte le lieu que je voulais rejoindre. Vaincu, il hocha la tête, lentement.

“OK! Je comprends, *Miss*. Rendez-vous à dix-sept heures trente.”

“*Here we go!*”

Le ciel hésitait entre plusieurs teintes: une bande gris-rose, une autre saumon et la dernière, un assemblage de nuages cotonneux qui s’effilocheaient, laissant apparaître un plafond déjà sombre et la silhouette lumineuse de la lune pleine.

J’aurais apprécié la distraction de la conversation superficielle de mon guide, même en *yaourt*. Il se maintenait cependant dans une attitude mutique, par respect pour ma démarche.

L’indice de pollution, exceptionnellement faible, me permettait de porter un masque léger qui laissait filtrer les odeurs ambiantes, exacerbées, me semblait-il, par l’obscurité naissante. Je cherchai, en vain, des traces du parfum de l’île que j’avais quittée, plus de soixante-dix ans auparavant: un mélange des saveurs sucrées des arbres fruitiers avec celles, marines et amères, de l’océan, jamais très loin; le tout sur un fond ténu d’exhalaisons de canne brûlée.

L’air, humide et lourd, se bornait à transporter la senteur des pierres chaudes et de la tôle rouillée.

La Sol’hari qui avançait, silencieuse aussi, croisa deux camions-marchandises avant d’arriver à destination.

“À partir d’ici, il faut marcher. Ça ira?”

32 Criação & Crítica

Je descendis du véhicule, lampe torche à la main. Il faisait déjà nuit noire. La végétation, plus dense le long du sentier que nous empruntâmes, bruissait doucement au gré des alizés. De nombreuses autres personnes avaient suivi ce même chemin, désormais lisse, presque glissant.

L'esplanade, enfin, s'étendit sous nos yeux, surmontée d'un arc acajou où était gravée l'inscription:

“Cimetière départemental.”

Je découvrais le lieu car les différents enterrements où j'avais dû accompagner ma grand-mère pour meubler mes mercredis après-midi s'étaient déroulés dans des cimetières communaux, noyés depuis longtemps, pour la plupart.

Jeff me laissa passer devant.

“C'est plus ou moins par ordre alphabétique, à partir des noms connus au moment de la construction.”

Je me dirigeai vers ce qui devait être la fin de l'alphabet et, m'aidant de la lampe, je cherchai le tombeau de mon père. Une jolie pierre de marbre gris, fraîchement fleurie, portait son nom, ses prénoms, ainsi que la mention:

“La Communauté de l'Église du Reste, éternellement reconnaissante.”

Juste à côté, plus modeste, se tenait la stèle de sa deuxième épouse, ainsi que celle du fils bien-aimé, le premier qu'ils aient eu ensemble. Peut-être le second était-il vivant quelque part.

Un peu plus loin, je reconnus le visage de ma tante sur la photo décolorée qui ornait sa tombe. Ses deux enfants l'accompagnaient.

De mes frères, aucune trace. Ils devaient se trouver du côté maternel. J'hésitai. Quel nom avait été retenu? Celui de ma grand-mère? Le nom de jeune fille de ma mère? J'optai pour cette solution.

Bingo!

Jeff me suivait toujours, trois pas derrière, inspectant les environs de sa lanterne inquiète.

J'éclairai la tombe du jeune frère de ma mère, puis apparut la sienne. J'avais été avertie de la mort de Marlène trop tard pour lui servir le discours aigre préparé de longue date.

À côté de sa pierre, celle de son fils aîné. Sans doute avait-elle fini par l'épuiser par ses incessantes demandes. À moins qu'il n'ait péri du cancer de la prostate, à l'instar de la plupart des hommes de l'île.

Près de lui, mon autre frère, probablement malheureux d'affronter l'au-delà aussi loin de sa maman. Et lui? De quoi était-il mort? D'ennui, certainement!

À la gauche de Marlène se cachait la pierre que je souhaitais voir, tout en l'espérant manquante. Je dus dégager la couche de poussière qui la couvrait pour déchiffrer: "Ketty Steward [1976–1996]".

J'éclatai de rire.

Jeff n'en croyait pas ses yeux: "Putain de merde!"

Le faisceau tremblant de sa torche fouilla les ombres, me révélant le visage crotté d'une petite fille qui nous observait.

Je ne riais plus, stupéfaite.

"Quelle vilaine fillette!"

Elle détala aussitôt.

Jeff n'avait rien vu.

Je baissai le regard vers l'inscription gravée.

Ainsi, j'étais morte pour eux! Déjà et depuis tant d'années!

Qui donc pourrissait sous cette pierre?

Dans un frisson, j'éprouvai le vide entre mes côtes et le poids de la terre glacée contre mes os. Alors, j'en eus la certitude: C'était bien moi, dessous.

"Je n'ai plus rien à faire ici. J'ai la vie devant moi. *Let's go, Jeff!*

- *Yes! Madam!*"

Referências

DoctriZ (canal do youtube). Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCYu2LA2uMvbogfwrEVrbzXw>. Acesso em 14/02/2022.

DUBOIS, Dominique. La nouvelle caraïbe contemporaine: naissance d'une esthétique post-coloniale. *Études anglaises*, t. 54, 2, 2001, p. 193-204.

FERDINAND, Malcom. La littérature pour penser l'écologie postcoloniale caribéenne. *Multitudes*, n. 60, 3, 2015, p. 65-71.

LECONTE, Marianne. *Femmes au futur: anthologie de nouvelles de Science-fiction féminines*. Traductions de Françoise Levie-Howe. Belgique; Paris: Verviers; Marabout, 1976.

MOURA, Jean-Marc. À perte de vue: visions de l'île natale chez Aimé Césaire. *Critique*, n. 711-712, 8, 2006, p. 675-686.

nooSFere. Disponível em: <https://www.noosfere.org/>. Acesso em 14/02/2022.

32 Criação & Crítica

Res Futuraae. Disponível em: <https://journals.openedition.org/resf/>. Acesso em 14/02/2022.

Stella Incognita. Disponível em: <http://stella-incognita.byethost18.com/lassociation-2/>. Acesso em 14/02/2022.

STEWARD, Ketty. *Faites demi-tour dès que possible*. Territoires de l'imaginaire. Paris: La Volte, 2014.

STEWARD, Ketty. L'effondrement vu d'en bas et la science-fiction d'Octavia Butler. *Multitudes*, 76, 2019a, p. 68-73.

STEWARD, Ketty. Interview Ketty Steward. *La Scéancière de l'Imaginaire*. Publicado por Nicolas Winter em 16/01/2019. Disponível em: <https://justaword.fr/interview-ketty-steward-d9d6e7deb887>. Acesso em 14/02/2022.

WINTER, Nicolas. L'imaginaire au féminin. Si l'imaginaire m'étais conté différemment... Justaword.fr, 19/05/2019. Disponível em: <https://justaword.fr/limaginaire-au-f%C3%A9minin-74b233d06d83>. Acesso em 14/02/2022.

Recebido em: 15/02/2022

Aceito em: 30/03/2022

Referência eletrônica: STEWARD, Ketty. *Retorno ao país letal/Retour au pays letal*, de Ketty Steward. Trad.: Ana Cláudia Romano Ribeiro; Claire Silva de Souza. *Criação & Crítica*, n. 32, p., jul. 2022. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.